



SENTIMENTO DO MUNDO
CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE

COMPANHIA DAS LETRAS

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
SENTIMENTO DO MUNDO

POSFÁCIO

Murilo Marcondes de Moura

COLEÇÃO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
CONSELHO EDITORIAL

Antonio Carlos Secchin

Davi Arrigucci Jr.

Eucanaã Ferraz

Samuel Titan Jr.

Sumário

- 9 Sentimento do mundo
- 10 Confidência do itabirano
- 11 Poema da necessidade
- 12 Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte
- 15 Tristeza do Império
- 16 O operário no mar
- 18 Menino chorando na noite
- 19 Morro da Babilônia
- 20 Congresso Internacional do Medo
- 21 Os mortos de sobrecasaca
- 22 Brinde no Juízo Final
- 23 Privilégio do mar
- 24 Inocentes do Leblon
- 25 Canção de berço
- 27 Indecisão do Méier
- 28 Bolero de Ravel
- 29 *La possession du monde*
- 30 Ode no cinquentenário do poeta brasileiro
- 33 Os ombros suportam o mundo
- 34 Mãos dadas
- 35 Dentaduras duplas
- 38 Revelação do subúrbio
- 39 A noite dissolve os homens
- 41 Madrigal lúgubre
- 43 Lembrança do mundo antigo
- 44 Elegia 1938
- 45 Mundo grande
- 47 Noturno à janela do apartamento
- 49 Posfácio
 - Desejo de transformação,*
 - MURILO MARCONDES DE MOURA
- 67 Leituras recomendadas
- 68 Cronologia
- 74 Crédito das imagens
- 75 Índice de primeiros versos

SENTIMENTO DO MUNDO

SENTIMENTO DO MUNDO

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer

esse amanhecer
mais noite que a noite.

CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem
[horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

POEMA DA NECESSIDADE

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuque,
é preciso estar sempre bêbedo,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores
de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens,
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter mãos pálidas
e anunciar o FIM DO MUNDO.

CANÇÃO DA MOÇA-FANTASMA DE BELO HORIZONTE

Eu sou a Moça-Fantasma
que espera na Rua do Chumbo
o carro da madrugada.
Eu sou branca e longa e fria,
a minha carne é um suspiro
na madrugada da serra.
Eu sou a Moça-Fantasma.
O meu nome era Maria,
Maria-Que-Morreu-Antes.

Sou a vossa namorada
que morreu de apendicite,
no desastre de automóvel
ou suicidou-se na praia
e seus cabelos ficaram
longos na vossa lembrança.
Eu nunca fui deste mundo:
Se beijava, minha boca
dizia de outros planetas
em que os amantes se queimam
num fogo casto e se tornam
estrelas, sem ironia.

Morri sem ter tido tempo
de ser vossa, como as outras.
Não me conformo com isso,
e quando as polícias dormem
em mim e fora de mim,
meu espectro itinerante
desce a Serra do Curral,
vai olhando as casas novas,
ronda as hortas amorosas

(Rua Cláudio Manuel da Costa),
para no Abrigo Ceará,
não há abrigo. Um perfume
que não conheço me invade:

é o cheiro do vosso sono
quente, doce, enrodilhado
nos braços das espanholas...
Oh! deixai-me dormir convosco.

E vai, como não encontro
nenhum dos meus namorados,
que as francesas conquistaram,
e que beberam todo o uísque
existente no Brasil
(agora dormem embriagados),
espreito os carros que passam
com choferes que não suspeitam
de minha brancura e fogem.
Os tímidos guardas-civis,
coitados! um quis me prender.
Abri-lhe os braços... Incrédulo,
me apalpou. Não tinha carne
e por cima do vestido
e por baixo do vestido
era a mesma ausência branca,
um só desespero branco...
Podéis ver: o que era corpo
foi comido pelo gato.

As moças que ainda estão vivas
(hão de morrer, ficai certos)
têm medo que eu apareça
e lhes puxe a perna... Engano.
Eu fui moça, serei moça
deserta, *per omnia saecula*.
Não quero saber de moças.
Mas os moços me perturbam.

Não sei como libertar-me.
Se o fantasma não sofresse,
se eles ainda me gostassem
e o espiritismo consentisse,
mas eu sei que é proibido,
vós sois carne, eu sou vapor.
Um vapor que se dissolve

quando o sol rompe na Serra.

Agora estou consolada,
disse tudo que queria,
subirei àquela nuvem,
serei lâmina gelada,
cintilarei sobre os homens.
Meu reflexo na piscina
da Avenida Paraíba
(estrelas não se compreendem),
ninguém o compreenderá.

TRISTEZA DO IMPÉRIO

Os conselheiros angustiados
ante o colo ebúrneo
das donzelas opulentas
que ao piano abemolavam
“bus-co a cam-pi-na se-re-na
pa-ra li-vre sus-pi-rar”
esqueciam a guerra do Paraguai,
o enfado bolorento de São Cristóvão,
a dor cada vez mais forte dos negros
e sorvendo mecânicos
uma pitada de rapé
sonhavam a futura libertação dos instintos
e ninhos de amor a serem instalados nos arranha-céus
[de Copacabana, com rádio e telefone automático.

O OPERÁRIO NO MAR

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?

MENINO CHORANDO NA NOITE

Na noite lenta e morna, morta noite sem ruído, um menino
[chora.

O choro atrás da parede, a luz atrás da vidraça
perdem-se na sombra dos passos abafados, das vozes extenuadas.
E no entanto se ouve até o rumor da gota de remédio caindo
[na colher.

Um menino chora na noite, atrás da parede, atrás da rua,
longe um menino chora, em outra cidade talvez,
talvez em outro mundo.

E vejo a mão que levanta a colher, enquanto a outra sustenta
[a cabeça
e vejo o fio oleoso que escorre pelo queixo do menino,
escorre pela rua, escorre pela cidade (um fio apenas).
E não há ninguém mais no mundo a não ser esse menino
[chorando.

MORRO DA BABILÔNIA

À noite, do morro
descem vozes que criam o terror
(terror urbano, cinquenta por cento de cinema,
e o resto que veio de Luanda ou se perdeu na língua geral).

Quando houve revolução, os soldados se espalharam no morro,
o quartel pegou fogo, eles não voltaram.
Alguns, chumbados, morreram.
O morro ficou mais encantado.

Mas as vozes do morro
não são propriamente lúgubres.
Há mesmo um cavaquinho bem afinado
que domina os ruídos da pedra e da folhagem
e desce até nós, modesto e recreativo,
como uma gentileza do morro.

CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

OS MORTOS DE SOBRECASACA

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis,
alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,
em que todos se debruçavam
na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indiferentes
e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos.
Só não roeu o imortal soluço de vida que rebentava
que rebentava daquelas páginas.

BRINDE NO JUÍZO FINAL

Poetas de camiseiro, chegou vossa hora,
poetas de elixir de inhamé e de tonofosfân,
chegou vossa hora, poetas do bonde e do rádio,
poetas jamais acadêmicos, último ouro do Brasil.

Em vão assassinaram a poesia nos livros,
em vão houve *putschs*, tropas de assalto, depurações.
Os sobreviventes aqui estão, poetas honrados,
poetas diretos da Rua Larga.
(As outras ruas são muito estreitas,
só nesta cabem a poeira,
o amor
e a Light.)

PRIVILÉGIO DO MAR

Neste terraço mediocrementemente confortável,
bebemos cerveja e olhamos o mar.
Sabemos que nada nos acontecerá.

O edifício é sólido e o mundo também.

Sabemos que cada edifício abriga mil corpos
labutando em mil compartimentos iguais.
Às vezes, alguns se inserem fatigados no elevador
e vêm cá em cima respirar a brisa do oceano,
o que é privilégio dos edifícios.

O mundo é mesmo de cimento armado.

Certamente, se houvesse um cruzador louco,
fundeado na baía em frente da cidade,
a vida seria incerta... improvável...
Mas nas águas tranquilas só há marinheiros fiéis.
Como a esquadra é cordial!

Podemos beber honradamente nossa cerveja.

INOCENTES DO LEBLON

Os inocentes do Leblon
não viram o navio entrar.

Trouxe bailarinas?

trouxe emigrantes?

trouxe um grama de rádio?

Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,
mas a areia é quente, e há um óleo suave
que eles passam nas costas, e esquecem.

CANÇÃO DE BERÇO

O amor não tem importância.
No tempo de você, criança,
uma simples gota de óleo
povoará o mundo por inoculação,
e o espasmo
(longo demais para ser feliz)
não mais dissolverá as nossas carnes.

Mas também a carne não tem importância.
E doer, gozar, o próprio cântico afinal é indiferente.
Quinhentos mil chineses mortos, trezentos corpos de namorados
[sobre a via férrea
e o trem que passa, como um discurso, irreparável:
tudo acontece, menina,
e não é importante, menina,
e nada fica nos teus olhos.

Também a vida é sem importância.
Os homens não me repetem
nem me prolongo até eles.
A vida é tênue, tênue.
O grito mais alto ainda é suspiro,
os oceanos calaram-se há muito.
Em tua boca, menina,
ficou o gosto de leite?
ficará o gosto de álcool?

Os beijos não são importantes.
No teu tempo nem haverá beijos.
Os lábios serão metálicos,
civil, e mais nada, será o amor
dos indivíduos perdidos na massa
e só uma estrela
guardará o reflexo
do mundo esvaído
(aliás sem importância).

INDECISÃO DO MÉIER

Teus dois cinemas, um ao pé do outro, por que não se afastam
para não criar, todas as noites, o problema da opção
e evitar a humilde perplexidade dos moradores?
Ambos com a melhor artista e a bilheteira mais bela,
que tortura lançam no Méier!

BOLERO DE RAVEL

A alma cativa e obcecada
enrola-se infinitamente numa espiral de desejo
e melancolia.

Infinita, infinitamente...

As mãos não tocam jamais o aéreo objeto,
esquiva ondulação evanescente.

Os olhos, magnetizados, escutam
e no círculo ardente nossa vida para sempre está presa,
está presa...

Os tambores abafam a morte do Imperador.

LA POSSESSION DU MONDE

Os homens célebres visitam a cidade.
Obrigatoriamente exaltam a paisagem.
Alguns se arriscam no Mangue,
outros se limitam ao Pão de Açúcar,
mas somente Georges Duhamel
passou a manhã inteira no meu quintal.
Ou antes, no quintal vizinho do meu quintal.

Sentado na pedra, espiando os mamoeiros,
conversava com o eminente neurologista.

Houve uma hora em que ele se levantou
(em meio a erudita dissertação científica).
Ia, talvez, confiar a mensagem da Europa
aos corações cativos da jovem América...
Mas apontou apenas para a vertical
e pediu *ce cocasse fruit jaune*.

ODE NO CINQUENTENÁRIO DO POETA BRASILEIRO

Esse incessante morrer
que nos teus versos encontro
é tua vida, poeta,
e por ele te comunicas
com o mundo em que te esvais.

Debruço-me em teus poemas
e neles percebo as ilhas
em que nem tu nem nós habitamos
(ou jamais habitaremos!)
e nessas ilhas me banho
num sol que não é dos trópicos,
numa água que não é das fontes
mas que ambos refletem a imagem
de um mundo amoroso e patético.

Tua violenta ternura,
tua infinita polícia,
tua trágica existência
no entanto sem nenhum sulco
exterior — salvo tuas rugas,
tua gravidade simples,
a acidez e o carinho simples
que desbordam em teus retratos,
que capturo em teus poemas,
são razões por que te amamos
e por que nos fazes sofrer...

Certamente não sabias
que nos fazes sofrer.
É difícil de explicar
esse sofrimento seco,
sem qualquer lágrima de amor,
sentimento de homens juntos,
que se comunicam sem gesto
e sem palavras se invadem,

se aproximam, se compreendem
e se calam sem orgulho.

Não é o canto da andorinha, debruçada nos telhados da Lapa,
anunciando que tua vida passou à toa, à toa.

Não é o médico mandando exclusivamente tocar um tango
[argentino,
diante da escavação no pulmão esquerdo e do pulmão direito
[infiltrado.

Não são os carvoeirinhos raquíticos voltando encarapitados
[nos burros velhos.

Não são os mortos do Recife dormindo profundamente na noite.
Nem é tua vida, nem a vida do major veterano da guerra
[do Paraguai,

a de Bentinho Jararaca

ou a de Christina Georgina Rossetti:

és tu mesmo, é tua poesia,

tua pungente, inefável poesia,

ferindo as almas, sob a aparência balsâmica,

queimando as almas, fogo celeste, ao visitá-las;

é o fenômeno poético, de que te constituíste o misterioso

[portador

e que vem trazer-nos na aurora o sopro quente dos mundos,

[das amadas exuberantes e das situações exemplares

[que não suspeitávamos.

Por isto sofremos: pela mensagem que nos confias
entre ônibus, abafada pelo pregão dos jornais e mil queixas

[operárias;

essa insistente mas discreta mensagem

que, aos cinquenta anos, poeta, nos trazes;

e essa fidelidade a ti mesmo com que nos apareces

sem uma queixa no rosto entretanto experiente,

não firme estendida para o aperto fraterno

— o poeta acima da guerra e do ódio entre os homens —,

o poeta ainda capaz de amar Esmeralda embora a alma

[anoiteça,

o poeta melhor que nós todos, o poeta mais forte

— mas haverá lugar para a poesia?

Efetivamente o poeta Rimbaud fartou-se de escrever,

o poeta Maiakóvski suicidou-se,
o poeta Schmidt abastece de água o Distrito Federal...
Em meio a palavras melancólicas,
ouve-se o surdo rumor de combates longínquos
(cada vez mais perto, mais, daqui a pouco dentro de nós).
E enquanto homens suspiram, combatem ou simplesmente
[ganham dinheiro,
ninguém percebe que o poeta faz cinquenta anos,
que o poeta permaneceu o mesmo, embora alguma coisa
[de extraordinário se houvesse passado,
alguma coisa encoberta de nós, que nem os olhos trairam
[nem as mãos apalpavam,
susto, emoção, enternecimento,
desejo de dizer: Emanuel, disfarçado na meiguice elástica
[dos abraços,
e uma confiança maior no poeta e um pedido lancinante para
[que não nos deixe sozinhos nesta cidade
em que nos sentimos pequenos à espera dos maiores
[acontecimentos.

Que o poeta nos encaminhe e nos proteja
e que o seu canto confidencial ressoe para consolo de muitos
[e esperança de todos,
os delicados e os oprimidos, acima das profissões e dos vãos
[disfarces do homem.
Que o poeta Manuel Bandeira escute este apelo de um homem
[humilde.

OS OMBROS SUPTAM O MUNDO

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

MÃOS DADAS

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens
[presentes,
a vida presente.

Dentaduras duplas!
Inda não sou bem velho
para merecer-vos...
Há que contentar-me
com uma ponte móvel
e esparsas coroas.
(Coroas sem reino,
os reinos protéticos
de onde proviestes
quando produzirão
a tripla dentadura,
dentadura múltipla,
a serra mecânica,
sempre desejada,
jamais possuída,
que acabará
com o tédio da boca,
a boca que beija,
a boca romântica?..)

Resovin! Hecolite!
Nomes de países?
Fantasmas femininos?
Nunca: dentaduras,
engenhos modernos,
práticos, higiênicos,
a vida habitável:
a boca mordendo,
os delirantes lábios
apenas entreabertos
num sorriso técnico,
e a língua especiosa
através dos dentes
buscando outra língua,
afinal sossegada...
A serra mecânica

não tritura amor.
E todos os dentes
extraídos sem dor.
E a boca liberta
das funções poético-
-sofístico-dramáticas
de que rezam filmes
e velhos autores.

Dentaduras duplas:
dai-me enfim a calma
que Bilac não teve
para envelhecer.
Desfibrarei convosco
doces alimentos,
serei casto, sóbrio,
não vos aplicando
na deleitação convulsa
de uma carne triste
em que tantas vezes
eu me perdi.

Largas dentaduras,
vosso riso largo
me consolará
não sei quantas fomes
ferozes, secretas
no fundo de mim.
Não sei quantas fomes
jamais compensadas.
Dentaduras alvas,
antes amarelas
e por que não cromadas
e por que não de âmbar?
de âmbar! de âmbar!
feéricas dentaduras,
admiráveis presas,
mastigando lestras
e indiferentes
a carne da vida!

REVELAÇÃO DO SUBÚRBIO

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a vidraça do

[carro,

vendo o subúrbio passar.

O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,

com medo de não repararmos suficientemente

em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

A noite come o subúrbio e logo o devolve,

ele reage, luta, se esforça,

até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais

e à noite só existe a tristeza do Brasil.

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tampouco os rumores
que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas,
nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos,
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.
A noite caiu. Tremenda,
sem esperança... Os suspiros
acusam a presença negra
que paralisa os guerreiros.
E o amor não abre caminho
na noite. A noite é mortal,
completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens,
diz que é inútil sofrer,
a noite dissolve as pátrias,
apagou os almirantes
cintilantes! nas suas fardas.
A noite anoiteceu tudo...
O mundo não tem remédio...
Os suicidas tinham razão.

Aurora,
entretanto eu te diviso, ainda tímida,
inexperiente das luzes que vais acender
e dos bens que repartirás com todos os homens.
Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,
adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a treva noturna.
O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram
mas que avançam na escuridão como um sinal verde
[e peremptório.
Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,

minha carne estremece na certeza de tua vinda.
O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez,
uma inocência, um perdão simples e macio...
Havemos de amanhecer. O mundo
se tingem com as tintas da antemanhã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

MADRIGAL LÚGUBRE

Em vossa casa feita de cadáveres,
ó princesa! ó donzela!
em vossa casa, de onde o sangue escorre,
quisera eu morar.

Cá fora é o vento e são as ruas varridas de pânico,
é o jornal sujo embrulhando fatos, homens e comida guardada.
Dentro, vossas mãos níveas e mecânicas tecem algo parecido com
[um véu.
O mundo, sob a neblina que criais, torna-se de tal modo
[espantoso
que o vosso sono de mil anos se interrompe para admirá-lo.

Princesa: acordada sois mais bela, princesa.
E já não tendes o ar contrariado dos mortos à traição.
Arrastar-me-ei pelo morro e chegarei até vós.
Tão completo desprezo se transmudará em tanto amor...
Dai-me vossa cama, princesa,
vosso calor, vosso corpo e suas repartições,
oh dai-me! que é tempo de guerra,
tempo de extrema precisão.

Não vos direi dos meninos mortos
(nem todos mortos, é verdade,
alguns, apenas mutilados).
Tampouco vos contarei a história
algo monótona talvez
dos mil e oitocentos atropelados
no casamento do rei da Ásia.
Algo monótono... Ásia monótona...
Se bocejardes, minha cabeça
cairá por terra, sem remissão.

Sutil flui o sangue nas escadarias.
Ah, esses cadáveres não deixam
conciliar o sono, princesa?

Mas o corpo dorme; dorme assim mesmo.

Imensa *berceuse* sobe dos mares,
desce dos astros lento acalanto,
leves narcóticos brotam da sombra,
doces unguentos, calmos incensos.
Princesa, os mortos! gritam os mortos!
querem sair! querem romper!
Tocai tambores, tocai trombetas,
imponde silêncio, enquanto fugimos!

... Enquanto fugimos para outros mundos,
que esse está velho, velha princesa,
palácio em ruínas, ervas crescendo,
lagarta mole que escreves a história,
escreve sem pressa mais esta história:
o chão está verde de lagartas mortas...
Adeus, princesa, até outra vida.

LEMBRANÇA DO MUNDO ANTIGO

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo
[em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim,
[pela manhã !!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

MUNDO GRANDE

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
por isso me grito,
por isso frequento os jornais, me exponho cruamente
[nas livrarias:
preciso de todos.

Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.
Mas também a rua não cabe todos os homens.
A rua é menor que o mundo.
O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
num só peito de homem... sem que ele estale.

Fecha os olhos e esquece.
Escuta a água nos vidros,
tão calma. Não anuncia nada.
Entretanto escorre nas mãos,
tão calma! vai inundando tudo...
Renascerão as cidades submersas?
Os homens submersos — voltarão?

Meu coração não sabe.
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.
Só agora descubro

como é triste ignorar certas coisas.
(Na solidão de indivíduo
desaprendi a linguagem
com que homens se comunicam.)

Outrora escutei os anjos,
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.
Nunca escutei voz de gente.
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei
países imaginários, fáceis de habitar,
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando
[ao suicídio.

Meus amigos foram às ilhas.
Ilhas perdem o homem.
Entretanto alguns se salvaram e
trouxeram a notícia
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
entre a vida e o fogo,
meu coração cresce dez metros e explode.
— Ó vida futura! nós te criaremos.

NOTURNO À JANELA DO APARTAMENTO

Silencioso cubo de treva:
um salto, e seria a morte.
Mas é apenas, sob o vento,
a integração na noite.

Nenhum pensamento de infância,
nem saudade nem vão propósito.
Somente a contemplação
de um mundo enorme e parado.

A soma da vida é nula.
Mas a vida tem tal poder:
na escuridão absoluta,
como líquido, circula.

Suicídio, riqueza, ciência...
A alma severa se interroga
e logo se cala. E não sabe
se é noite, mar ou distância.

Triste farol da Ilha Rasa.

Posfácio

DESEJO DE TRANSFORMAÇÃO
Murilo Marcondes de Moura

Há muitos modos de abordar *Sentimento do mundo*, terceiro livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade, publicado originalmente em 1940. Começemos por situá-lo na história interna da poesia drummondiana. Dessa perspectiva, não há como deixar de observar sua enorme diferença em relação a *Brejo das almas* (1934). Este, o segundo da obra do poeta, é um livro de profunda negatividade, próximo da mais pura derrisão, em que o sujeito (“Perdi o bonde e a esperança”), o país (“Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?”), a humanidade (“todas as criaturas/ que são inúteis e existem”), o amor (“o amor/ é isso que você está vendo:/ hoje beija, amanhã não beija”), a transcendência (“de nada vale/ erguer mãos e olhos/ para um céu tão longe/ para um deus tão longe”), a própria poesia (“Vamos fazer um poema/ ou qualquer outra besteira”), não firmam nenhuma verdade, antes só descortinam a falta ou o nada. Uma das significações do título é exatamente esta: lugar de danação, onde o homem não pode aspirar a coisa nenhuma, onde se encontra fechado entre “duas paredes” sob um “céu vazio”.

Visto desse ângulo, o novo livro marca um evidente e incisivo ponto de inflexão. O *sentimento* de pertencer a algo maior altera profundamente a disposição do sujeito, tocado agora pelo desejo de participação no *mundo* e conseqüentemente empenhado em sua transformação. A ironia cáustica quase desaparece, cedendo lugar a uma espécie de prontidão do eu para os outros homens, o que não exclui que ele se sinta tantas vezes impotente e solitário, e escreva poemas de intensa amargura mesmo dentro dessa nova perspectiva, como “Canção de berço”. É difícil imaginar mudança mais radical, mas em Drummond oposições muito estanques devem ser evitadas sempre, e não será impossível encontrar no novo livro, em imagens e poemas esparsos, resíduos do sarcasmo ou do humor nadificante do livro anterior. Do “brejo” para o “mundo” o percurso deve ter sido longo e complexo e o poeta trouxe consigo alguma treva.

Bem a propósito, outra dicotomia a ser evitada, esta ainda mais fundamentalmente, é aquela entre provincianismo e cosmopolitismo, sugerida pelo contraste ostensivo entre os dois títulos. *Brejo das almas*, como o próprio poeta informou, era nome de um município mineiro (hoje denominado Francisco Sá), o que demarcava um horizonte mais acanhado, pejorativamente regionalista. Ao contrário da abertura internacionalista estampada no título direto e poderoso, *Sentimento do mundo*, a primeira obra escrita pelo poeta no Rio de Janeiro, então capital do país, cidade que comparece em pelo menos doze dos 28 poemas que compõem o livro, e cuja porosidade ao mundo grande é expressa não por acaso em imagens de navios (“Os inocentes do Leblon/ não viram o navio entrar”; “Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão”).

A falácia dessa antinomia entre a “roça” e o “elevador”, entre a província e o grande mundo, pode ser observada pela disposição dos poemas no livro. Sabe-se que Drummond nunca organizou suas obras pela simples sequência cronológica, preferindo sempre critérios estético-ideológicos (atitude que atingirá o máximo de complexidade na organização de sua *Antologia poética* em 1962). Ao iniciar o livro *Sentimento do mundo* pelo poema homônimo, o poeta quis fornecer ao leitor a amplitude de seu horizonte atual. Em seguida, porém, surge a “Confidência do itabirano”, que repropõe sua origem interiorana de modo entranhado, isto é, como constitutiva de um modo de ver. Trata-se justamente disto: o primeiro poema explicita a nova matéria do poeta — o mundo; o segundo, o ponto de vista diante dessa matéria, o do filho de fazendeiro, transformado em funcionário público na grande cidade. O deslocamento é múltiplo, do campo para a cidade e da condição de classe. O leitor de Drummond deve estar habituado a essas variações, que encontraram o seu equivalente talvez mais duradouro na figura do *gauche*, aqui drasticamente comedido em suas ironias porque muito mais implicado no espetáculo do mundo. Cabe acrescentar que essa proposta de iniciar os livros com pares de poemas entre si dissonantes teve início justamente com *Sentimento do mundo*, obra inaugural da visão dialética do poeta. No livro seguinte, *José* (1942), os dois primeiros poemas, respectivamente “A bruxa” e “O boi”, focalizam, em linhas gerais, a cidade e o campo; em *A rosa do povo* (1945), “Consideração do poema” e “Procura da poesia” lidam, nessa ordem, com a extroversão e a introversão dos processos poéticos. O leitor deve sempre relacioná-los, evitando a polarização simplificadora.

Essa tensão entre provincianismo e cosmopolitismo tem uma história profunda em Drummond, e podemos compreendê-la melhor pela leitura do conto “Um escritor nasce e morre”, publicado pela primeira vez na *Revista do Brasil*, em 1939, portanto, durante a elaboração de *Sentimento do mundo*.

A cidade natal do narrador-escritor chama-se Turmalinas, “em que a hematita calçava as ruas, dando às almas uma rigidez triste”, imagem quase idêntica à do célebre início da “Confidência do itabirano” (“Alguns anos vivi em Itabira./ Principalmente nasci em Itabira./ Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro./ Noventa por cento de ferro nas calçadas./ Oitenta por cento de ferro nas almas.”); para explicitar ainda mais sua origem, o narrador menciona no conto o “Pico do Amor”, local existente de fato em Itabira. Muitas outras passagens evidenciam o caráter autobiográfico do texto. Trata-se, pois, de uma confissão pela ficção, ou da exposição de si pela mediação de um narrador, mas ainda assim confissão e exposição claras.

Há no conto uma passagem, capaz de revelar, a meu ver, a gênese do internacionalismo do poeta, isto é, do seu “sentimento do mundo”:

A aula era de geografia, e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes. As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então, nasci.

De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever.

O exercício inaugural do fictício escritor foi o relato de uma viagem de “Turmalinas ao Polo Norte”. “Talvez a mais curta narração no gênero. Dez linhas, inclusive o naufrágio e a viagem ao vulcão”, brinca o narrador.

Pode ser que as coisas não tenham se processado exatamente assim na realidade, e que o menino Carlos Drummond de Andrade não tenha sido despertado para a escrita naquela situação precisa, mas há aqui uma verdade no plano da criação poética que merece ser avaliada.

A situação descrita no conto tem caráter épico: a abertura para o vasto, descortinado de uma sala de aula da pequena cidade e alimentado pela imaginação infantil. É nítido o desejo de superar a circunstância imediata e restritiva e abrir-se para uma visão mais larga de humanidade. Trata-se de uma superação do provincianismo, não pela sua exclusão, mas pela transformação da província em lugar de conhecimento, de onde se efetua o trânsito para o grande, ou de onde é possível comunicar pontos afastados e realidades heterogêneas.

No poema “América”, de *A rosa do povo*, por exemplo, em que a solidão é encarada como modo de conhecimento (“Portanto, é possível distribuir minha solidão, torná-la meio de conhecimento”), essa intersecção entre o minúsculo e o amplo é também tema central e igualmente se refere à cidade natal do poeta: “Uma rua começa em Itabira, que vai dar no meu coração. / [...] Uma rua começa em Itabira, que vai dar em qualquer ponto da terra”.

Mas, no conto, e isso é decisivo, a ênfase recai sobre as relações entre as palavras e os lugares geográficos (“as cidades vinham surgindo na ponte dos nomes”), de modo que o “nascimento” da escrita se produziu como conhecimento do mundo.

Como não pensar, nesse contexto, que “sentimento do mundo” seja uma tradução exata daquela emoção originária?

Se a abertura para o “mundo grande” foi capaz de engendrar a necessidade de escrever, o próprio ato de escrever impregnou-se de uma vocação transitiva em sentido abrangente. Não se pretende postular a “comunicabilidade” da poesia de Drummond, que é essencialmente difícil, mas mostrar como o desejo de alargar-se em direção aos outros homens e ao mundo é um de seus impulsos fundamentais.

Esse elã expansivo, para o qual o poeta se sensibilizara desde a infância interiorana, adquire plena atualidade justamente com o livro *Sentimento do mundo*. É claro, o adensamento daquela experiência infantil é absoluto, e diante do quadro complexo que o poeta maduro tem diante de si, agora na capital do país, e numa conjuntura tão internacionalizada, que desembocaria na Segunda Guerra Mundial, aquela experiência infantil parece apenas se esfumar. Vale a pena resgatá-la aqui, porém, para mostrar uma antiga e fundamental aptidão do poeta, que se confunde com sua própria vocação para a poesia.

Talvez seja desnecessário dizer que o poeta poucas vezes consegue expandir-se ou

entregar-se de todo, que há um intervalo permanente entre o sentimento do mundo e a sua completude, e que a poesia é antes a expressão de um desejo que não se realiza em sua inteireza. Fracasso? Importa mais, sobretudo nesse instante da trajetória do poeta, acompanhar seu movimento autêntico em direção ao mundo e aos homens, em cujo rasto podemos avaliar melhor a grandeza de sua obra.

Uma breve leitura do poema inicial, “Sentimento do mundo”, pode confirmar alguns caminhos até aqui sublinhados e descortinar outros.

*Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.*

*Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.*

*Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.*

*Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer*

*esse amanhecer
mais noite que a noite.*

O primeiro verso expõe a insignificância do eu, que se dissemina por todo o livro. É o sujeito “pequenininho” em face da Grande Máquina; cujo coração é “muito pequeno”, diante da variedade das “cores” e das “dores” dos homens; que humildemente clama por nós todos ao poeta Manuel Bandeira para que este “não nos deixe sozinhos nesta cidade/ em que nos sentimos pequenos à espera dos maiores acontecimentos”. Trata-se da conhecida retratação do poeta à sua suposta soberba anterior, presente por excelência na famosa passagem do primeiro livro: “Mundo mundo vasto mundo,/ mais vasto é meu coração”.

Mas, esse mesmo sujeito, tão diminuto, é portador de algo grandioso: “o sentimento do mundo”. Uma antítese forte (em Drummond traço tanto estilístico quanto ideológico) abre o poema: o eu se declara restrito e limitado, mas sustenta uma disposição anímica para confrontar algo que lhe excede sobremaneira. A desproporção é tamanha que ele precisa ultrapassar-se para estar à altura da tarefa pretendida, daí a intrigante imagem dos “escravos” do terceiro verso, que deve ser associado ao primeiro, com o qual forma uma nova antítese: “Tenho apenas duas mãos/ [...] mas estou cheio de escravos”.

A imagem provém da esfera (deformada) do trabalho, e talvez não seja casual que ela ocorra justamente no momento em que o poeta se aproxima de uma visão socialista. Nesse sentido, a referência a escravos teria alcance puramente negativo, sobretudo num livro que acusa de frente o “mundo caduco” e a exploração do trabalho, que busca aproximar-se do operário com suas “mãos grossas”, e que se culpa pelas eventuais hesitações e pelos privilégios de classe. Mas a sugestão primeira da imagem é a de um dinamismo forte (no interior de um sujeito, que assim se excede..), acentuado pelo ritmo intenso dos versos, quase todos em redondilhas maiores e articulados por uma sintaxe fluida.

Na verdade, toda a primeira estrofe é formada por um único período, que propõe uma espécie de definição do eu, na qual esferas muito heterogêneas são associadas, antecipando a estrutura mais geral do poema, que é repleta de alternâncias e contradições, entre tempo presente (estrofes ímpares) e tempo futuro (estrofes pares); entre um plano mais histórico e referencial e outro mais intimista e velado.

As mãos do sujeito, que já tinham sido multiplicadas pela surpreendente associação com o trabalho braçal dos escravos, se expandem para o corpo inteiro, que transpira. Mas o suor que “escorre” do corpo é identificado a “lembranças”. Lembranças do passado escravocrata, de que o filho de fazendeiro procura libertar-se? Lembranças como algo da esfera íntima (“*minhas lembranças*”), que precisa se escoar para que o movimento em direção ao coletivo se consuma? Lembranças como algo mais pessoal que deve, ao contrário, se afirmar justamente no momento em que se deseja caminhar de “mãos dadas” com outros homens?

Alcides Villaça, em estudo sobre *Sentimento do mundo*, identifica no “elemento

líquido”, “dinâmico e expansivo”, a representação mais natural das “formas de comunicação entre o eu e o mundo”,¹ que constituem a “pedra de toque” do livro: entre muitos exemplos, cita “Menino chorando na noite”, em que “o fio oleoso” do remédio “*escorre* pelo queixo do menino”, “*escorre* pela rua”, “*escorre* pela cidade” (note-se a gradação proposta pelo poeta) e “A noite dissolve os homens”, em que “o sangue que *escorre*” para colorir as pálidas faces da aurora coletiva. As lembranças que *escorrem* têm sentido semelhante e correspondem a uma forma de contato com o mundo: o que emana do corpo “transige”, é “confluyente” com algo maior.

O movimento é sempre de ampliação — do avulso para o coletivo, das mãos do eu para as dos escravos, da parte para o todo. Paralelamente, às imagens corporais vem se juntar uma dimensão mais interna — o “sentimento”, que tem significado amplo, do intelectual (“conhecimento” ou “consciência” do mundo) ao afetivo (“sensibilidade” ou “padecimento” do mundo).

O resultado é que o sujeito se dilata, como ocorre no final apoteótico de “Mundo grande” (“meu coração cresce dez metros e explode./ — Ó vida futura! nós te criaremos.”). Essa reversibilidade entre o individual e o coletivo é frequente a partir de agora na poesia de Drummond, pelo menos até *A rosa do povo*. “Confluência” é palavra fundamental, oposta a “alheamento” e contígua a “porosidade” e “comunicação”, para citar termos do poema seguinte, “Confidência do itabirano”, com o qual “Sentimento do mundo” forma um par inextricável, como já vimos.

A passagem da primeira estrofe para a segunda poderia parecer linear ou lógica: depois da atividade excitada sobrevém o repouso. Mas a estranheza é grande. Em primeiro lugar, porque a quietude é absoluta (a palavra “morto” é quatro vezes repetida), cósmica, envolve não apenas o eu, mas elementos abrangentes e contrários, céu e pântano. O encerramento sugere a inércia de modo redundante: “morto/ o pântano sem acordes”. O último verso impressiona pela sugestão de completo silêncio e imobilidade. À fluidez e ao dinamismo iniciais, estagnação. Além do mais, essa estrofe contém o maior paradoxo do poema: “Quando me levantar, [...] eu mesmo estarei morto”, que parece ser o paroxismo do sujeito que se insurge contra si mesmo.

O livro todo, esse poema em particular, apresenta imagens de um sujeito em constante luta interna, que precisa pensar duramente contra si mesmo, seus hábitos mentais e sociais, além dos estéticos, para efetivar a superação da perspectiva individualista anterior. O “sentimento do mundo” está carregado de exigências (José Guilherme Merquior o associa a um sentimento de culpa), às quais o poeta vai responder de modo resolutivo, é verdade, mas enfrentando diversos obstáculos, de que o mais resistente talvez fosse seu próprio temperamento idiossincrático (que felizmente tendia ao indomável...). Há uma dimensão agônica nesse momento da poesia de Drummond e as imagens estabelecem tensões profundas, variações muito abruptas, correspondentes ambas à instabilidade conflituosa do sujeito.

Na terceira estrofe, as oscilações do eu persistem, e ele “humildemente” pede perdão, pois tem o “sentimento do mundo”, mas também *sente-se* “disperso” e “anterior a

fronteiras”, despreparado para a tarefa que ele próprio se impôs. Por outro lado, o contraste com a estrofe anterior é flagrante, como se saíssemos bruscamente do ermo para o mundo público, do repouso para uma nova atividade, agora francamente histórica, da qual o léxico se nutre: camaradas, guerra, fogo, alimento, fronteiras. O poema foi publicado em *O Jornal* em maio de 1935, é anterior, portanto, à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e mesmo à Guerra Civil Espanhola (1936-1939) ou à Guerra Sino-japonesa (1937-1945), mas a atmosfera militarista e, sobretudo, o acirramento das intolerâncias ideológicas e raciais estavam no ar e o poeta soube muito bem interpretá-los.

A rigor, a experiência da guerra está praticamente ausente do livro, embora ele tenha sido impresso, como consta da primeira edição, em 16 de setembro de 1940, mais de um ano depois do início da Segunda Guerra Mundial, num momento já suficientemente dramático para o mundo, em que a Europa ocidental, com exceção da Inglaterra, havia sucumbido às forças nazistas, inclusive a França, tão próxima afetiva e culturalmente de Drummond e dos intelectuais brasileiros do período.

Ocorre que *Sentimento do mundo* é antes um livro de tomada de consciência do que de adesão franca às lutas do mundo. É livro ainda de interiores, em que se processa o ajuste de contas do sujeito consigo mesmo, anterior à sua saída para a rua, que é, como se sabe, uma posição fundamental do eu lírico na poesia de Drummond. Se é que esse dobrar-se implacável do sujeito sobre si mesmo não seja também uma das constantes do poeta.

A quarta estrofe propõe novo contraste. “Quando os corpos passarem”, supõe-se, quando os acontecimentos históricos encontrarem seu desenlace, trazendo consigo a destruição e a morte, o poeta estará só. Novo recuo, portanto, para o mundo privado e para a solidão. O eu surge agora abertamente como poeta, já que se ocupa (“desfia”) da “recordação” de outros — “sineiro”, “viúva”, “microscopista”, pessoas de alguma forma ligadas à solidão, ao luto, ao perdido, ao infinitesimal. Em poemas posteriores (de *A rosa do povo*), o poeta proporá novas enumerações: “[...] atletas retirados, freiras surdas, funcionários demitidos” (“Idade madura”); “[...] velha preta, ó jornalista, poeta, pequeno historiador urbano, / ó surdo-mudo, [...] / [...] velho aleijado [...]” (“Nosso tempo”), vozes que a sua poesia se propõe reunir e apresentar, dentro daquele movimento expansivo já observado.

Importa muito que a condição diminuta do eu se exprima pelo corpo, especialmente pelas “mãos”. Pois a mão que atua aqui é também fonte da escrita, o trabalho é também trabalho de poeta. Ao sentimento do mundo corresponde um sentimento da forma, que tenderá a ser cada vez mais inclusiva e de maior fôlego. As “lembranças” que escorrem devem ser associadas, nesse sentido, à “recordação”, que o sujeito vai “desfiar”. Assim, outra surpresa, bem drummondiana, no momento em que se afirma como poeta da “vida futura”, ele se define também como poeta da memória.

Embora a última estrofe pareça indicar um caminho nítido, ao menos uma função mais definida para a sua atividade de poeta, o arremate mescla noite e dia de modo

peremptório, impregnando tudo de um fosco dominante.

É certo que *Sentimento do mundo* contém um conjunto de poemas mais abertamente ideológicos, que constituem referências obrigatórias para a história de nossa poesia social: “O operário no mar”, “Congresso Internacional do Medo”, “Inocentes do Leblon”, “Os ombros suportam o mundo”, “Mãos dadas”, “A noite dissolve os homens”, “Elegia 1938”, “Mundo grande”. Este último é o que mais se aproxima da dicção posterior de alguns poemas de *A rosa do povo* (como “A flor e a náusea” e “O elefante”), em especial pela forma mais dilatada, pela intensidade emotiva e pela tonalidade mais radiante. Nele, o leitor observa a sintaxe continuada e distendida, resultado dessa maior porosidade aos acontecimentos do mundo, em contraste com a forma breve e com os cortes abruptos da poesia anterior.

Esses poemas já se destacam muito da grande maioria da poesia engajada produzida no Brasil, em qualquer época, e a simples leitura deles nos inspira uma sensação de autenticidade, que Mário de Andrade notou no calor da hora: “Haverá, na poesia contemporânea do Brasil, uns três livros tão grandes como *Sentimento do mundo*. Livros significativos talvez das contradições da época, e por certo magnificamente expressivos dos poetas que os criaram. São todos eles admiráveis forças do homem. *Sentimento do mundo* é no meio deles a mais profunda força de humanidade. Não tenho nenhum direito de afiançá-lo maior que os outros — é o que eu prefiro”.²

Antonio Candido em um texto-depoimento, em que busca precisamente situar *Sentimento do mundo* no contexto mais geral da poesia brasileira da época, assinala como o livro trouxe uma “tonalidade diferente” para a nossa “poesia participante”, uma vez que a “adesão ao socialismo e a negação do sistema capitalista” ocorriam “em chave de lirismo, como alguma coisa que vem de dentro e existe antes de mais nada enquanto modo de ser”.³

De fato, a maior contribuição, a novidade mesma do livro, talvez tenha sido a de propor uma poesia política de alto teor lírico (no caso, a inversão também seria válida — uma poesia lírica de alto teor político...), em que a abertura resoluta para o mundo público não apagou as marcas de um sujeito muito peculiar.

Aprofundemo-nos um pouco mais na complexidade desse sujeito, a partir da leitura do último poema de *Sentimento do mundo*. Quem sabe, então, possamos apreender melhor a atmosfera mais geral do livro e seu engajamento tão singular.

*Silencioso cubo de treva:
um salto, e seria a morte.
Mas é apenas, sob o vento,
a integração na noite.*

*Nenhum pensamento de infância,
nem saudade nem vão propósito.*

*Somente a contemplação
de um mundo enorme e parado.*

*A soma da vida é nula.
Mas a vida tem tal poder:
na escuridão absoluta,
como líquido, circula.*

*Suicídio, riqueza, ciência...
A alma severa se interroga
e logo se cala. E não sabe
se é noite, mar ou distância.*

Triste farol da Ilha Rasa.

“Noturno à janela do apartamento”, ao contrário do primeiro poema, tem uma superfície de fácil apreensão: quatro quartetos e um verso final isolado, certa homogeneidade métrica e visual dos versos, concentração vocabular relativa à noite, à solidão e ao silêncio, uma relativa simplicidade sintática. Esse despojamento, porém, delinea com muita precisão uma atmosfera grave e concentrada, na qual se encontra um sujeito tomado por intensa e angustiada atividade reflexiva, engolfado na mais funda melancolia, para quem o próprio suicídio surge como alternativa concreta.

A surpresa do leitor é grande ao ver o poeta escolher para encerramento de um livro que tem como foco primeiro o mundo público um poema tão intimista e amargurado. É como se o movimento de abertura pretendido e ansiado pelo eu tivesse afinal fracassado e nada mais lhe restasse senão recolher-se, derrotado, à sua interioridade problemática.

No entanto, a repentina aparição, precisamente no fecho do poema, do “farol da Ilha Rasa” produz um efeito inusitado: é a presença de um objeto que encerra a reflexão do sujeito ensimesmado. Se o poema não propõe um engajamento direto, tampouco se caracteriza pela pura subjetividade ou pelo meramente confessional. Há aqui um confronto trabalhoso e “severo”, entre o eu e o mundo, entre o dentro e o fora. A “janela” é a marca mais evidente dessa conjunção que tende a atrair para si os sentidos mais fundos do poema.

Entre os mais importantes de toda a obra poética do autor, o poema reúne alguns temas ou motivos recorrentes — “apartamento”, “noite”, “suicídio”, “ilha”. É de se observar que o primeiro e o último deles representam dois polos nucleares no “Noturno”: o apartamento, de onde se olha, presente logo no título (que tem função interna no poema), e a Ilha Rasa do último verso, objeto do olhar. O poema efetua o diálogo entre dois espaços que fariam história na obra drummondiana madura, a partir de sua mudança para o Rio de Janeiro.

Otto Maria Carpeaux identifica os “grandes edifícios, caixões de cimento armado” a um dos “símbolos da coletividade” no poeta; para José Guilherme Merquior, “o grande imóvel moderno oferece a Drummond um soberbo espaço lírico, cena exemplar para a denúncia do conteúdo reificado da vida contemporânea”. Os dois críticos acompanham indicações do próprio escritor, para quem os edifícios são compostos de “fragmentos congelados de rancor, ou dessa substância refratária a qualquer liga, a que se dá o nome de incompreensão” e cujos moradores são os “exilados do cimento Portland” ou “a população da torre”. Por outro lado, é um espaço público evidente e, embora precário, conserva a possibilidade de convivência e talvez de transformação. No livro *Sentimento de mundo*, além do “Noturno”, outros poemas focalizam a vida nos edifícios, como “Privilégio do mar” e “Os ombros suportam o mundo”.

Já a imagem da “ilha” tem sentido, em princípio, oposto e tende a representar um espaço de devaneio em que predominam as “gratuidades dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas”. Algumas vezes, irrompe a “vontade de partir” para uma “ilha brumosa de onde vieram os teus antepassados”, ou “o piscar do farol”, no Arpoador, acena a “ilhas que mesmo próximas guardam um segredo de solidão”. Embora saibamos que existe sempre em Drummond a contrapartida, e as ilhas também podem “perder o homem”, afastando-o da “vida presente”, o valor é aqui positivo: lugar das origens e sortilégios e da supressão das convenções.

Entre esses dois espaços, potencialmente antitéticos — apartamento e ilha —, mediados pela noite mais tenebrosa, o sujeito efetua um balanço de funda negatividade — “A soma da vida é nula”, mas é dessa mesma condição degradada que ele desentranha algum sentido — “Mas a vida tem tal poder”. Cabe entrar no “Noturno” e investigar como tal conflito é intrínseco à sua composição, o que torna esse poema exemplar de um livro que se caracteriza pela tomada de consciência dolorosa diante do “mundo caduco”.

O poema é muito silencioso, distingue-se apenas o rumor do vento, sugerido pela enorme incidência da consoante fricativa /s/, que comparece também em palavras muito reveladoras do estado de espírito do sujeito, de quem quase ouvimos o sussurro: “suicídio”, “ciência”... Além disso, há uma intrincada trama sonora, algumas vezes entre elementos contraditórios, como nas duas primeiras estrofes: “morte”, “integração na noite”; “nenhum pensamento”, “nem”, “nem”, “somente”, “contemplação”. Na terceira, o choque semântico entre “vida” e “nula” se resolve na palavra “circular”. A última estrofe, de paralisia diante de alternativas excludentes, é balizada pela aliteração: “suicídio”, “ciência”, “severa”, “se”, “se”, “sabe”, “se”...

Paralela a essa construção sonora, há uma estrutura cerrada de contradições que pode ser decomposta. Na primeira estrofe, após a terrível e notável abertura dos dois primeiros versos, em que o poeta expõe sem rodeios a ideia de suicídio, segue também de imediato o contraponto, precedido pela adversativa MAS: ao invés de “morte”, “integração” (ainda que “na noite”, ainda que tenebrosa), aqui há autêntica simetria: o primeiro dístico da quadra aponta para o não, o segundo para o sim; na estrofe seguinte, a indicação de um estado temporal em que nem passado nem futuro contam, SOMENTE, com função

adversativa (na primeira edição era “*mas somente*”), um estado de contemplação em que o sujeito se depara consigo mesmo e com o mundo, sem mistificações; na terceira estrofe, a afirmação niilista é seguida prontamente de sua relativização: a vida é nula MAS poderosa; na última quadra, o instante mais tenível, o da escolha derradeira do sujeito, que, de fato, se interroga severamente mas “logo se cala”, freando o impulso autodestrutivo.

Depois dessa sequência sistemática de opostos, autêntico eixo vertical do poema, surge num verso final isolado (técnica típica de Manuel Bandeira, homenageado no livro) a imagem do farol, que então se compreende: pertence ao farol essa “circulação” mecânica entre o escuro e o claro, entre o não e o sim. O farol, antes de ser nomeado, já pulsava dentro do poema, sua pulsação é a própria estrutura do poema, e, o que é mais admirável, ele é um equivalente preciso das oscilações do próprio sujeito. Por isso o farol é “triste”. Na verdade, há uma troca de atributos, se o objeto é “triste” como o sujeito que o contempla, este é imóvel como o objeto contemplado, imobilidade que impede o “salto” para a morte, afirmando a vida, ainda que de modo trágico e problemático, numa espécie de paralisia.

Entre o dentro e o fora, entre apartamento e ilha, o poema funda uma perfeita simetria, mediada pelo espaço complexo da janela, simultaneamente possibilidade de destruição (o salto) e de contato (a visão do farol, que salva). Mais do que isso, em tal janela é possível conjugar um modo de ver através e um modo de ver refletido, já que aquilo que se avista é um símile de quem vê. O sentido mais imediato dessa similitude parece claro: como o farol, é preciso resistir, manter-se como centro, ainda que em meio ao naufrágio e à escuridão absoluta, a qual, no livro, se identifica em grande parte com o âmbito histórico-social (como, por excelência, em “A noite dissolve os homens”). “Ficaste sozinho, a luz apagou-se,/ mas na sombra teus olhos resplandecem enormes”, conforme a passagem também lapidar de “Os ombros suportam o mundo”. Estamos diante de uma consciência dolorosa, mas perseverante, capaz de incorporar a pura destruição na afirmação da vida.

A luz baça do “Noturno à janela do apartamento” ajuda a compreender outros momentos do livro, como “Indecisão do Méier”, aparentemente apenas anedótico, no dilema entre “dois cinemas”, “a melhor artista”, “a bilheteira mais bela”, mas que se mostra sintomático de uma condição estrutural do eu que oscila. Mais do que isso, as tensões que observamos no cerne de sua estrutura são extensivas, em maior ou menor grau, a todos os demais poemas, que se nutrem do conflito do eu consigo mesmo diante do “mundo caduco” ou do “triste mundo fascista”. Mário de Andrade, em carta ao próprio Drummond sobre *Sentimento do mundo*, reconhece no livro uma “nota clara de esperança”, mas também uma “angustiosa fidelidade com a dor”.

Efetivamente, *Sentimento do mundo* é um livro em que há muita esperança, mas não é um livro solar. Dito de outro modo, é um livro repassado de melancolia, mas em que vibra constante o desejo de transformação do mundo.

1 Alcides Villaça, "Um certo sentimento do mundo", em: *Literature d'America*, ano XXV, n. 107, Roma, Facoltà di Scienze Umanistiche dell'Università di Roma "La Sapienza", 2005.

2 *Revista Panorama*, ano 1, n. 1, Belo Horizonte, ago. 1947.

3 *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Leituras recomendadas

CAMILO, Vagner.

“A cartografia lírico-social
de *Sentimento do mundo*”.

In: *Revista usp*.

São Paulo, n. 53, mar./maio 2002.

GLEDSON, John.

“Sentimento do mundo”.

In: *Poesia e poética de Carlos Drummond
de Andrade*.

São Paulo: Duas cidades, 1981.

MERQUIOR, José Guilherme.

“Sentimento do mundo”.

In: *Verso universo em Drummond*.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, pp.

SANTIAGO, Silviano.

“Prefácio”.

In: ANDRADE, Carlos Drummond de.
Sentimento do mundo.

Rio de Janeiro: Record, 2002.

VILLAÇA, Alcides.

“Um certo sentimento do mundo”.

In: *Literature d’America*.

Roma, “La Sapienza”, ano XXV, n. 107,
2005.

WISNIK, José Miguel.

“Drummond e o mundo”.

In: NOVAES, Adauto (org.),

Poetas que pensaram o mundo.

São Paulo: Companhia das Letras,
2005.

Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maiô...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, *habitués* da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.

- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo

Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.

- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.
- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.
- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica

na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.

- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma, Contos de aprendiz e A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha e Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira e Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.

- 1962 Publica *Lição de coisas, Antologia poética e A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the middle of the road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleta em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.

- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera e Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo e El poder ultrajoven saem* na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida, En Rost at Folket* (Suécia), *The minus sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).
- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The minus sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Dedina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.
- 1984 Publica *Boca de luar e Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando, O observador no escritório, História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).

1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the family*.

1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.

Crédito das imagens

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

© Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

1.

DR/ Dimitri Ismailovitch

2, 5 e 6.

Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

3.

c. da imagem de Manuel Bandeira, do condomínio dos proprietários dos Direitos Intelectuais de Manuel Bandeira direitos cedidos por Solombra — Agência Literária (solombra@solombra.org). Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

4.

Arquivo EM/ D.A.Press.

7.

DR/ Carlos Augusto de Andrade Camargo.

8.

Agência O Globo.

Índice de primeiros versos

A alma cativa e obcecada
Alguns anos vivi em Itabira
A noite desceu. Que noite!
À noite, do morro
Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus
Clara passeava no jardim com as crianças
Dentaduras duplas!
Em vossa casa feita de cadáveres
É preciso casar João
Esse incessante morrer
Eu sou a Moça-Fantasma
Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis
Na noite lenta e morna, morta noite sem ruído, um menino chora
Não, meu coração não é maior que o mundo
Não serei o poeta de um mundo caduco
Na rua passa um operário
Neste terraço mediocrementemente confortável
O amor não tem importância
Os conselheiros angustiados
Os homens célebres visitam a cidade
Os inocentes do Leblon
Poetas de carniseiro, chegou vossa hora
Provisoriamente não cantaremos o amor
Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a vidraça do carro
Silencioso cubo de treva:
Tenho apenas duas mãos
Teus dois cinemas, um ao pé do outro, por que não se afastam
Trabalhas sem alegria para um mundo caduco





1 Retrato do artista russo Dimitri Ismailovitch (1892-1976).

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

SENTIMENTO DO MUNDO



PONGETTI

2 Reprodução da capa da primeira edição de Sentimento do mundo.



3 Com Manuel Bandeira, homenageado com o poema "Ode no cinquentenário do poeta brasileiro".



4 Rua da Bahia, em Belo Horizonte: palco da boêmia literária e das traquinagens da geração de Drummond.



5 O poeta no Ministério da Educação posa ao lado de réplica de profeta de Aleijadinho.

A Mãe,
cordalmente, Carlos
out. 940

SENTIMENTO DO MUNDO

MÁRIO DE ANDRADE

F	I
	13 ^a

6 Dedicatória a Mário de Andrade.



7 Mário de Andrade, a quem Drummond chamava de "Velho Mário", em 1938.

o devido estrépito — o início
da Segunda Guerra.

Carlos Drummond de Andrade
© Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro
sobre *Engenho*, de Cícero Dias,
litografia, 97 x 63 cm
Cortesia da Galeria Simões de Assis

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Júlio Castañon Guimarães (Casa de Rui Barbosa)

REVISÃO FINAL

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Márcia Copola

REVISÃO

Marina Nogueira
Jane Pessoa

ISBN 978-85-8086-318-5

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br